

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012

**GT 3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação**

**MEDIAÇÕES LITERÁRIAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:  
REPRESENTAÇÕES E NARRATIVAS DE GÊNERO**

Comunicação Oral

Giulia Crippa – USP

giuliac@ffclrp.usp.br

## **Resumo**

Estudo de representações literárias, selecionadas de uma pesquisa maior, enquanto constitutivas e normativas das representações do imaginário social. O trabalho é voltado para os ambientes, profissionais e usuários da informação. O tema proposto se concentra nas questões de Gênero para um mapeamento mais amplo sobre as mulheres no papel de protagonistas na circulação da cultura impressa dentro de bibliotecas ficcionais, tanto como profissionais quanto no papel de agentes que se apropriam da informação. O ponto de partida do trabalho é a relação simbólica entre os leitores desses produtos e a construção do imaginário sobre a Ciência da Informação (CI), isto é: o que os meios de transmissão cultural “encenam” em suas narrativas sobre o campo da CI. O caráter de mediação social dessas representações reside na concretização, em suas cenas e palavras, do horizonte das expectativas sobre o universo da informação como acordo entre a oferta (a representação da informação no texto) e a demanda (as expectativas do público das representações).

**Palavras-chave:** Mediações. Gênero. Literatura.

## **Abstract**

A study of literary representations, selected from a wider research, as constitutive and regulative of representations of social fancy. The paper is centered on information places, professionals and users. The selected topics centers on gender issues, in order to offer a map of the interactions between women as main characters and the circulation of printed culture inside fiction libraries, as professionals and as users. Starting point of the paper is the symbolic relation between the readers of this fictional products and the construction of a fancy on Information Science, that means how cultural means of transmission “put on the scene” in their narratives the Information Science field. The social mediation character of these representations is found in the concretization, through scenes and words, of the horizon of expectations on the universe of information, as a pact between offer (the representation of information in the texts) and demand (the readers expectations on representations).

**Keywords:** Mediations. Gender. Literature.

## **1 Introdução**

Estudar as representações narrativas acerca dos temas que envolvem a informação possibilita observar transformações e permanências de conceitos, de ideais, de funções e de ações ligadas às teorias e às práticas do universo dos registros do conhecimento amplamente presentes no atual mercado de ideias da Ciência da Informação (CI). Neste trabalho, buscamos enfocar a relação do feminino com as bibliotecas tanto no acesso quanto nas profissões ligadas à CI através do estudo de alguns produtos de ficção que retratam de maneira ampla vários aspectos do universo das bibliotecas e de suas profissões. Caracteriza-se um panorama em que há um lapso nas formas e linguagens da/para as mulheres dentro destes registros, que revelam como a presença de gênero nos ambientes da informação não é neutra.

Considerando as representações aqui analisadas como capazes de realizar a operação simbólica de estabelecer uma relação entre “usuários” (os leitores, o público dos cinemas) e “conhecimentos” (o que os meios de transmissão cultural “encenam” em suas narrativas sobre o campo da CI), o caráter de mediação social dessas representações se tornará evidente. Elas são mediadoras no sentido de concretizar, em suas cenas e palavras, o horizonte das expectativas sobre as bibliotecas, entendido como acordo entre a oferta (a representação dos “textos”) e a demanda (as expectativas do público “leitor” das representações).

As ferramentas metodológicas para uma análise das obras são o resultado de leituras no âmbito dos Estudos Culturais e de Gênero como campos que oferecem lastros para um deslocamento nômade entre cânones literários e para uma observação crítica das representações. Procurei, para esta apresentação, selecionar o discurso relativo ao Gênero e à sua relação com a CI.

## 2 Uma protagonista controvertida: a leitora

Existe uma “data de nascimento” para a figura da leitora, que coincide com a transformação do livro em mercadoria: o século XVIII. Anteriormente, não existia nada comparável, ela é uma protagonista da comercialização da cultura e da ampliação do entretenimento, uma invenção da Modernidade, aliás, uma de suas peças chave. Mais exatamente, a leitora na ficção é uma verdadeira alegoria do consumo. O romance como gênero literário e comercial, aparentemente, nasce no começo do século XVIII, pronto para ser consumido por um público novo de leitores em constante aumento. Sua invenção cria uma ruptura com a cultura erudita, abrindo o caminho para a indústria cultural do comércio e do entretenimento. Apesar de sempre ter existido algo chamado romance, a nova forma literária se apresentava como radicalmente diferente dos exemplos do passado, principalmente por ser tão colonizadora e carnívora: sua presença se torna tão marcante que, hoje, na percepção comum o termo literatura tende a uma sinonímia com romance (CHARTIER, 2007, p. 251-284).

Wittman (1995) cita um sacerdote alemão, Johann Rudolph Gottlieb Beyer, que, em 1796, escreve que: “ainda não engoliram a última página de um livro que já olham em volta avidamente, onde é possível encontrar outro”, falando de leitores que, na frente de qualquer coisa “legível” a “agarram e devoram com uma espécie de bulimia” (WITTMAN, 1995, p. 338, tradução nossa). Uma figura nova de leitor que não mais remete à biblioteca sabiamente selecionada, reservada ao gesto intelectual de pessoas controladas. O abade Pietro Chiari, um

dos protagonistas da cena literária de Veneza no século XVIII, foi autor de inúmeros romances de consumo. Nas primeiras páginas do romance *La francese in Italia, o sia Memorie critiche di Madama N.N., scritte da lei medesima e pubblicate dall'abate P. Chiari*, publicado em 1759, o autor afirma que “Todas as mulheres lêem nos dias de hoje, entre as agulhas, os fusos e os outros apetrechos femininos, hoje em dia ao lado das mulheres se vêem os livros”, entre elas só falam das últimas publicações porque “reina em muitas uma furiosa inclinação a devorá-los logo que saíram da impressão” (CHIARI, 1973, p. 1, tradução nossa). A escolha de usar o feminino revela a força da visão destas leitoras de maneira espetacular. Assim, aparecem na cena literária mulheres insaciáveis que sacrificam todas as virtudes à bibliofagia, aos excessos da gula. São elas que aparecem no primeiro plano, com seus desejos vorazes, revelando todos os perigos que o amplo comércio dos livros representa.

As leitoras, nessa forma e nessa quantidade, não existem, portanto, antes do século XVIII. Ou, pelo menos, não provocam reações dessa natureza com tanta freqüência. Basta lembrar a frase do prefácio de 1791 de um dos *best-sellers* da época, *Julie ou la Nouvelle Heloïse*, destinado à leitura das jovens: “Nunca uma donzela leu romances [...] aquela que tiver o ardil, apesar do titulo de ler uma única página, será uma jovem perdida” (ROUSSEAU, 1964, p. 18, tradução nossa). Um segundo prefácio alerta novamente que “uma boa moça não lê livros de amor” (ROUSSEAU, 1964, p. 33, tradução nossa).

Obviamente, leitoras já existiam, assim como existia, havia pelo menos um século e meio, o aumento do numero de livros. Por exemplo, já se lia, no *Dom Quixote*, que “há pessoas que compõem e publicam livros como se fossem bolinhos de chuva” (CERVANTES, 1997, p. 515, tradução nossa), referindo-se ao fenômeno do consumo da literatura cavalheiresca parodiado pela obra de Cervantes.

Não é talvez por acaso que esse livro seja o maior monumento à loucura (ainda que divertida) provocada pela incontinência dos leitores. Mas é justamente por ser um marco na literatura moderna e nas reflexões sobre livros, leituras e seus poderes, que vale a pena observar qual é a perspectiva em que as mulheres são colocadas dentro da relação com esse objeto, perspectiva que revela como o discurso sobre as leitoras não esteja (ainda) formado, mas, ao mesmo tempo, como será difícil a relação livro/mulheres.

O capítulo VI, titulado “O cuidadoso e divertido inventário da biblioteca do nosso fantasioso cavalheiro, feito pelo cura e pelo barbeiro” compreende duas personagens femininas que não figuram no título, a sobrinha e a governanta de Dom Quixote. O cura, acompanhado pelo barbeiro Nicolau, pede as chaves da sala onde se encontra a biblioteca de Dom Quixote, chaves que a moça fornece com bastante solícitude. Os dois, acompanhados

pela sobrinha e a governanta, irrompem, assim, naquela sala onde se encontram “mais de cem volumes grandes e bem encadernados, além dos muitos menores”. Assim que a governanta vê os livros, se apressa para sair da sala e voltar, logo em seguida, com uma tigela de água benta, pedindo ao cura:

Aqui está, senhor cura; benzei a sala, para que aqui não fique nenhum dos magos que povoam esses livros, querendo nos enfeitiçar para se vingar de nossa intenção de caçá-lo do mundo (CERVANTES, 1997, p. 48, tradução nossa).

O cura ri da ingenuidade da mulher e resolve escrutinar cada um dos volumes para verificar os que mereciam ser salvos. Mais uma vez uma das duas mulheres, a sobrinha, intervém:

“Não, [...] não há razão de salvar nenhum deles, pois todos fizeram danos; melhor jogá-los pela janela do pátio e incendiar o cúmulo ou, amontoá-los no quintal e fazer aí um belo fogo sem que a fumaça nos atrapalhe”. A mesma coisa disse a governanta; as duas mulheres tinham uma grande vontade de condenar à morte aqueles inocentes, mas o cura não concordou sem dar, antes, pelo menos uma olhada aos títulos (CERVANTES, 1997, p. 49, tradução nossa).

É “Com prazer, meu senhor” que a governanta responde à ordem de jogar *Florismarte de Ircânia*, “enquanto obedecia alegremente” (CERVANTES, 1997, p. 50, tradução nossa). Ainda,

O cura, parando de folhear outros livros de cavalaria, ordenou à governanta que jogasse os maiores no quintal. Não foi dito a tonta ou surda, mas a alguém que tinha maior gana de queimá-los do que de tecer uma teia, por quanto grande e delicada fosse. E, assim, os jogou pela janela, sete, oito de cada vez (CERVANTES, 1997, p. 52, tradução nossa).

Não é somente a governanta, que se presta ao papel de destruidora de livros. A sobrinha, também, intervém a favor da eliminação de todas as obras, inclusive aquelas contidas nos volumes menores, que “Não devem ser de cavalaria mas, sim, de poesia”, afirma o cura, concluindo que “Não merecem ser queimados como os outros, pois não fizeram e não farão os danos dos outros de cavalaria. Trata-se de livros que não fazem mal a ninguém” (CERVANTES, 1997, p. 53, tradução nossa).

Mas a sobrinha é taxativa em manifestar todo seu distanciamento e preocupação com o poder desses livros que ela desconhece:

“Ah, senhor!” interveio a sobrinha. “seria bem melhor que a senhoria vossa os enviasse ao fogo como os outros; não me surpreenderia se meu tio, sarado de sua

doença cavalheiresca, lendo esses livros botasse na cabeça de se tornar pastor e de andar pelos bosques e pelas campinas cantando e tocando ou, pior ainda, se tornasse poeta, enfermidade, ao que dizem, incurável e contagiosa” (CERVANTES, 1997, p. 53, tradução nossa).

Se é bem verdade que o Dom Quixote se coloca como arquétipo da Modernidade literária e que suas aventuras permeiam o imaginário popular de todas as épocas seguintes, é também verdade que essa presença feminina se torna reguladora de uma relação ao que parece bastante difícil entre o gênero feminino e a literatura: no começo da constituição da figura dos modernos leitores, no *Dom Quixote*, encontramos duas mulheres mais que desejosas de “matar” uma biblioteca.

Em 1752, a escritora inglesa Charlotte Lennox (1998) publica *The female Quixote*, retrato convincente da bibliofolia enquanto convertia ao feminino seu protótipo masculino. As fantasias de Arabela, decorrentes de uma indigestão juvenil de romances heróicos de amor e de aventura,

conferiram à vida que conduzia e a tudo que a cercava uma aura romanesca e aventureira [...] e, pensando que aqueles livros fornecessem uma representação verídica da vida, deles ela retirou todas as suas opiniões e expectativas (LENNOX, 1998, p. 32, tradução nossa).

Os tempos mudaram e, na metade do século XVIII, era mais verossímil que uma jovem se tornasse a vítima natural de suas leituras do que um fidalgo idoso.

### 3 “Entrar em um livro”: um problema de gênero até hoje

Thursday Next salvou um livro, *Jane Eyre*, e mudou seu final no romance *Il caso Jane Eyre* (FFORDE, 2001). O enredo dessa história nos mostra um mundo futuro onde uma agência secreta protege os livros de desaparecer por mão de vilões. As aventuras acontecem no próprio enredo dos livros, e os agentes secretos interagem com as personagens da literatura, “entrando” nos livros graças a um aparelho que o tio de Thursday, Mycroft, inventara. No segundo livro de Fforde (FFORDE, 2007), os vilões estão de volta, destruindo o aparelho que permitia a entrada nas histórias depois de sequestrar o noivo de Thursday. Ela deve, assim, entrar em um livro sem mais a ajuda do portal.

Essa história é, aqui, de interesse, pois utiliza a metáfora da “entrada nos livros” e da interação com suas personagens como o ato fundamental da leitura e, principalmente, o faz com uma protagonista feminina que, para aprender a ler/entrar nos enredos deve adentrar uma

“misteriosa” biblioteca com um bibliotecário extraordinário, capaz de instigar sua viagem. Depois de várias aventuras, finalmente Thursday chega à biblioteca, cujo ambiente recalca modelos clássicos: é composta por uma “sala longa e escura”, com “paredes de painéis de madeira, com estantes altas até a cúpula do teto. Uma biblioteca “tradicional”, essa que o autor nos descreve e que se apresenta com “atmosferas severas”, acentuadas pela luz refletida pela madeira. No centro do corredor, ainda, havia uma “longa fila de mesas de leituras, sobre cada um das quais estava uma lâmpada de latão de abajur verde” (FFORDE, 2007, p. 186, tradução nossa).

Há uma referência literária clara à biblioteca de Babel, pois “A biblioteca parecia interminável em ambas as direções: de um lado e do outro, a vista se perdia em uma vaga penumbra sem contornos” (FFORDE, 2007, p. 186, tradução nossa). A biblioteca é tão complexa que o autor utiliza uma metáfora para mostrar a impossibilidade de descrevê-la, pois “seria como estar na frente de uma pintura de Turner e comentar sua moldura” (FFORDE, 2007, p. 186, tradução nossa). Fala-se em centenas, milhares, milhões de livros de todas as épocas, tipos, edições. Thursday, que fala em primeira pessoa, diz que

A verdadeira natureza daqueles livros me apareceu clara como o cristal. Não se tratava somente de uma imagem colecionada de palavras alinhavadas nas páginas para dar a *impressão* da realidade: cada um daqueles livros *era* realidade. (FFORDE, 2007, p. 186, tradução nossa)

Thursday caminha algumas centenas de metros, até um cruzamento, no meio do qual havia

um amplo espaço circular vazio, protegido por um corrimão em ferro batido e uma escada caracol. A não mais de dez metros havia um andar parecido ao onde me encontrava. E no meio dele se abria um outro abismo, além do qual vi outro andar e depois mais outros, abaixo, até dentro das vísceras da biblioteca. Levantei o olhar: mesma visão acima de minha cabeça (FFORDE, 2007, p. 187, tradução nossa).

É nesse espaço que é, ao mesmo tempo, impossível e reconhecível por qualquer leitor, por ser um arquétipo de biblioteca notório, que Thursday encontra o bibliotecário,

Grande e rechonchudo gatão precariamente acorçado em cima de uma estante. Me encarava com uma estranha mistura de demência lunática e bonomia felina, ficando completamente imóvel, com a exceção da ponta do rabo que, vez ou outra, mexia repentinamente” (FFORDE, 2007, p. 187, tradução nossa).

O diálogo entre Thursday e o gato é claramente inspirado no livro onde mora esse estranho bibliotecário, *Alice's in wonderland*. Com efeito, a partir desse ponto, o romance se

transforma em um divertido jogo de releitura dos clássicos da literatura, um convite ao leitor a tecer os fios de sua própria memória literária, “pulando” de um livro para outro, assim como a protagonista deve fazer. Trata-se do Gato do Cheshire, ainda que, no papel de bibliotecário, ele alegue ter ampliado seu território, mas como o novo nome ficou feio, ficará para Thursday como Gato do Cheshire.

É esse bibliotecário que nos ilumina sobre as dimensões da biblioteca e seu conteúdo: “200 km em toda direção, disse o gato, começando a ronronar, 26 andares para cima, 26 para baixo do térreo” (FFORDE, 2007, p. 188, tradução nossa). A biblioteca contém todos os livros do passado, futuro e outros, diz o gato, sem especificar quais sejam os outros. Depois de uma breve discussão sobre o livro ao qual o gato “pertence”, Thursday pergunta como deve fazer para “entrar” nos livros. O gato responde que deve receber aulas para aprender com Miss Hanshaw, personagem de *Great Expectation* de Dickens (FFORDE, 2007, p. 188), e só então Thursday pergunta, tomada pela dúvida, o que ele está fazendo na biblioteca.

“Eu sou – respondeu o Gato com orgulho – o bibliotecário. E você cuida de todos esses livros? Claro – respondeu com afetação o Gato – pergunte-me alguma coisa” (FFORDE, 2007, p. 190, tradução nossa).

Já que Thursday precisa “entrar” no romance de Dickens para conversar com Miss Hanshaw, o gato oferece algumas instruções de base: se pode entrar nos livros de capa verde, nos de capa vermelha não. Também, explica que E.A. Poe, Stephen King e De Sade não são livros aconselhados, pois possuem qualidades inquietantes que os tornam perigosos. São livros capazes de “enredar em seus enredos os leitores” (FFORDE, 2007, p. 192, tradução nossa), portanto é difícil voltar deles. Muito orgulhoso de sua profissão, o gato aponta para um monumento, explicando que é dedicado aos mártires da literatura: em granito, “grande como dois carros um sobre o outro”, tem forma de livro aberto. À direita, é representado um homem que entra no livro, coberto pelas letras, e à esquerda há uma lista de nomes. O gato explica que se trata de agentes dos “recursos da prosa apagados ou falecidos nas atividades de serviço” (FFORDE, 2007, p.193, tradução nossa), como Ambrose Bierce, que entrou em um conto de Poe aparentemente inócua, viajou até a casa dos Usher (como? É simples: alugou um cavalo de Augias) e depois desapareceu, não se sabe se afogado em um barril de amontillado ou enterrado vivo. Alguns *vagalivros* (sic!) o procuraram, e um deles, também, não conseguiu voltar, um tal de Ahab, que enlouqueceu e se convenceu que era perseguido por uma baleia branca.

O gato fornece, então, as indicações para chegar à seção de Dickens (*Great Expectation* é um livro verde, de livre acesso) (FFORDE, 2007, p. 194), e a protagonista pode “entrar” no livro.

Thursday é uma leitora, heroína “positiva” na medida em que é sujeito ativo no universo da biblioteca literária na qual se encontra, ainda que as “normativas” para sua leitura sejam estabelecidas (com a divisão entre livros de etiqueta verde, vermelha e preta), o que significa que a leitura de alguns produtos da ficção de massa, como os livros de terror (Poe, King), ainda que não proibida seja desaconselhada, enquanto perigosa. Não por acaso, Thursday “entra” em um livro marcado como verde, o romance de Dickens. Isto é, ela segue a normativa, que no livro adquire a consistência de um cânone literário modulado pelos gêneros literários (aventura, amor, paixões, lutas) e constituído por autores consagrados pela literatura anglo-saxônica. Em momento nenhum, nos romances da série dedicada às aventuras de Thursday Next se encontra alguém que não pertence a esse cânone, o “outro” da literatura pós-colonial em língua inglesa. A biblioteca é orquestrada de forma magistral pela instituição canônica da tradição: Dickens, as irmãs Brönte, Melville, Poe, Carroll... O modelo feminino de leitora do século XX recalca os heróis dessa literatura, moldando-se no ritmo confortável de uma estrutura de romance destinada ao sucesso, enquanto filiada ao próprio cânone. Porém, a época de ouro do romance anglo-saxônico que tanto destaque tem no enredo desse livro coincide com o mundo do Império colonial inglês, que em suas pretensões civilizadoras procura estabelecer o domínio do pensamento vitoriano. Nesse sentido, precisamos repensar em que medida um produto como Thursday Next repropõe um arquivo/biblioteca literária em que atua o silenciamento do outro. A biblioteca que se desenha nesse romance chega a um público leitor através de seu enredo, que incorpora os modelos literários canônicos, enquanto reforça o próprio cânone sugerindo quais são as “vozes” literárias dominantes, que não preveem a incorporação de outros modelos. Uma biblioteca fechada, mas não neutra. Com efeito, se Thursday Next incorpora a heroína leitora em busca de modelos, ela é destinada a se deparar com suas versões passadas, normatizadas por etiquetas, em que ela, constantemente, voltará às visões literárias que a colocam em papéis já conhecidos.

Uma das versões mais recentes da metáfora da “entrada” no livro como representação do leitor se encontra no segundo volume da série *Harry Potter* e encenada na versão cinematográfica de *Harry Potter e a câmara secreta* (2002). Vale a pena observar tanto o livro como o filme, pois há discrepâncias interessantes entre os dois produtos, inclusive em relação ao gênero.

É o segundo ano do bruxinho na escola de Hogwarths e, dessa vez, o núcleo do enredo é a memória. Já se percebe isso quando Harry, com a família do amigo Ron, entra na livraria “Floreios e Borrões” do Beco Diagonal para comprar o material escolar. A livraria está lotada, pois o famoso bruxo, Gilderoy Lockhart, está lançando seu último volume autobiográfico, “O meu eu mágico”. É interessante observar que, tanto no livro, como no filme, “a aglomeração parecia ser formada, em sua maioria, por bruxas [...]” (ROWLING, 2000, p. 56). No filme, todas as bruxas, inclusive a inteligentíssima e sabida Hermione, suspiram sonhadoras na presença do autor que, como se descobrirá em seguida, não passa de um charlatão. O enredo principal se abre na livraria onde o vilão Lucius Malfoy coloca, sorrateiramente, o diário de um antigo estudante de Hogwarths, no caldeirão de Ginny Weasley, junto aos outros livros dela.

Só descobriremos que esse livro mágico estava com ela no final, quando Harry enfrentará Tom Marvolo Riddle, que se apresenta da seguinte forma: “Tom Riddle estivera em Hogwarths cinquenta anos atrás [...] – Você é um fantasma? – perguntou Harry incerto. – Uma lembrança [...] conservada em um diário durante cinquenta anos.” (ROWLING, 2000, p. 259).

Na narrativa do livro, mais completa que sua adaptação cinematográfica, descobrimos que Ginny, havia meses, escrevia suas preocupações e mágoas no diário que, mesmo achando bobos os problemas de uma garotinha de onze anos, respondia. Simples e óbvio, um livro que soluciona dúvidas, oferece respostas, em uma palavra, informa. Um dia, apavorada com o diário, Ginny o jogara fora. É nesse ponto da narrativa, quando Harry encontra o diário, que se encontra a metáfora do leitor que “entra” no livro. Depois de recolhê-lo, Harry o folheia, encontrando somente páginas vazias. Logo, porém, começa a escrever nele e, conforme escreve, o diário responde: o leitor, para poder entrar na história que é contada, deve fazer as perguntas certas. Dessa maneira, pode “entrar” no livro, saber o que ele contém. Assim, quando Harry pergunta a respeito da câmara secreta,

As páginas do diário começaram a virar como se tivessem sido apanhadas por um vendaval e pararam na metade do mês de junho. Boquiaberto, Harry viu que o quadradinho correspondente ao dia treze de junho parecia ter-se transformado numa telinha de televisão. Com as mãos ligeiramente trêmulas, ele ergueu o livro para encostar o olho na janelinha e, antes que entendesse o que estava acontecendo, viu-se inclinando para a frente; a janela foi se alargando, ele sentiu o corpo abandonar a cama e mergulhar de cabeça na abertura da página, num redemoinho de cores e sombras (ROWLING, 2000, p. 206).

Vemos, assim, mais uma vez, essa metáfora do leitor que, literalmente, mergulha de cabeça em sua leitura que, porém, é enganosa. O livro mente a Harry, como mente a Ginny, pois se um livro pode ser enganoso, esse o é com certeza. A única maneira para derrotar Tom Riddle, que nada mais é do que a memória de Lord Voldemort, o senhor das trevas, o grande vilão, que de simples memória está voltando à vida através de uma troca “fisiológica” (Ginny está morrendo, o vilão está se apropriando de sua energia, de seu corpo) é destruir o livro, apagar a memória, feito que Harry realiza cravando o dente venenoso do basilisco em suas páginas, das quais, como sangue, jorra tinta.

A versão cinematográfica, não podendo dedicar mais do que uma breve sequência às explicações do vilão, escolhe um “atalho” interessante. Ao invés de explicar que o diário se apropriara de Ginny, “seduzindo-a” como leitora, que nele encontrava alento aos seus problemas, o filme realiza um curto-circuito, emendando toda a tradição sobre os perigos que a leitura provoca na mente feminina com uma breve frase, capaz de resumir três séculos de (mal) relacionamento entre os livros e as mulheres: “Engraçado o estrago que um livro bobo consegue fazer, especialmente nas mãos de uma garotinha boba”. O fantasma dos perigos fisiológicos para uma leitora, agitado ao longo de três séculos, está, assim, bem presente em um produto de ampla, amplíssima circulação, para um público infanto-juvenil.

#### 4 As mulheres classificam, os homens catalogam

Segundo uma pesquisa realizada por Eggert (1996), o bibliotecário é percebido como um profissional cujas tarefas são meramente técnicas: indexação, catalogação, arrumação e guarda dos livros nas estantes.

Judy, personagem de bibliotecária e diretora de uma biblioteca pública de Nova York, apresenta todas as características dos estereótipos da ficção: é uma senhora de meia idade, solteirona, sem atrativos. Ela é co-protagonista de uma comédia romântica de 1995, *Baladas em Nova Iorque*, cujo público alvo são mulheres adolescentes. A protagonista principal do filme é Mary, uma jovem baladeira que, depois de presa, é ajudada por Judy, a tia, que lhe arruma emprego na própria biblioteca para quitar suas dívidas. Na relação entre Judy, Mary e a biblioteca se delineiam algumas características das profissionais mulheres que vale a pena observar. O primeiro diálogo entre as duas acontece na própria biblioteca, e é interrompido por um usuário que não encontra o livro procurado porque, alega, as prateleiras estão desarrumadas. A reação de Judy, bibliotecária “ideal”, é de pedir desculpas, enquanto Mary xinga o rapaz de idiota. A tia a repreende, dizendo que não é um idiota, mas, sim, um usuário,

e que o problema é que a biblioteca perdeu duas funcionárias por não poder pagar um salário competitivo nem com o Mc Donald's. A questão levantada por Judy, que será retomada em outra seqüência do filme, é a da desvalorização da profissão bibliotecária, cujos profissionais ganham menos que atendentes de lanchonetes. Mary pergunta, então, se ela poderia ocupar uma das vagas, mas Judy titubeia, pois a garota nada conhece das habilidades e competências necessárias, sobre as quais Judy explica: “querida, o bibliotecário é um profissional formado. Até um auxiliar, que arruma apenas a etiqueta, também é formado. Um auxiliar de biblioteca é inteligente, responsável...” (Baladas em... 1995), todas qualidades das quais Mary carece. Apesar disso, Mary é contratada, e se observa como se revele incapaz de manter um standard mínimo de qualidade: desconhece por completo a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e não consegue atender os usuários que, aliás, maltrata.

A aproximação de Mary à CDD acontece após uma nova discussão com a tia, quando a jovem classifica erradamente um livro:

Sei que não é o trabalho de sua vida mas, para sua informação, o estudo de Freud sobre Dora não é a biografia dela, é a pedra fundamental de sua teoria psicanalítica. Isso é psicologia. E a seção de psicologia fica na 100, para sua informação, ao lado da filosofia e da lógica. Fico surpresa como pode vir para cá todos os dias e não absorver o funcionamento do sistema. Um macaco aprenderia o sistema em questão de horas. Recodifique! (Baladas em... 1995).

E a partir daí, Mary se apaixona pela CDD, pela qual passa a organizar não somente os livros da biblioteca, mas também os discos do rapaz que divide o apartamento com ela.

Uma noite, uma forte chuva molha alguns livros da biblioteca pela desatenção de Mary, que deixou a janela aberta. A tia a despede, depois de ministrar-lhe mais uma lição de biblioteconomia:

Quando olho para você, uma mulher esperta e poderosa e a vejo agir como uma idiota, fico louca! Quando a maioria das mulheres luta para mostrar sua inteligência e complexidade, você fica tentando provar como pode ser estúpida! Olhe, eis uma ficha catalográfica antiga. Vê essa caligrafia florida? Era o que as jovens bibliotecárias aprendiam. Melwil Dewey contratava as mulheres como bibliotecárias porque acreditava que a função não exigia inteligência, era trabalho de mulher. Significava que era mal pago e desvalorizado” (Baladas em... 1995).

No final, se tratando de uma comédia, tudo se resolverá, com Mary declarando que seu maior desejo é se formar em biblioteconomia.

Durante as cenas em que Mary atua na biblioteca, ela veste roupas “sérias”, prende o cabelo num coque e usa óculos, em contraste com as cenas em que frequenta as baladas.

É interessante verificar como, ao mesmo tempo em que as falas sintetizam questões históricas e de reconhecimento da profissão, o filme mantém a representação das profissionais da maneira mais estereotipada possível, começando pelos tipos físicos e as vestimentas, até a idéia de que o trabalho da biblioteca é, basicamente, a aplicação do Dewey, algo que, nas próprias palavras da Judy, que tanto preza a profissão, um macaco aprenderia a fazer rapidamente.

É uma situação muito próxima daquela apresentada em uma breve novela em forma de monólogo da francesa Sophie Divry (2012), intitulada *Cote 400*. O título se refere a classe 400 da CDD, dedicada às línguas, que se encontra vazia por ter tido todo seu conteúdo transferido para a classe 800, de literatura. A protagonista, o eu da narrativa, da qual não conhecemos o nome, é uma bibliotecária de província que, uma manhã, encontra um homem adormecido na seção da qual é responsável, a de geografia. Boa parte das páginas desse delicioso monólogo são dedicadas à profissão de bibliotecária e à CDD que, nesse caso também, adquire um lugar privilegiado para as reflexões sobre seu trabalho. Com efeito, já nas primeiras linhas, encontramos afirmações muito parecidas com as de Judy e, ao longo do texto inteiro, aprenderemos muito mais sobre Dewey e outros grandes nomes da história das bibliotecas.

A voz da bibliotecária nos acompanha entre suas digressões pessoais, sua cultura literária e sua pessoal visão do papel que ela desempenha em nossos dias.

Já nas primeiras linhas aprendemos que ela trabalha no subterrâneo e que prefere reordenar os livros do que ficar no banco dos empréstimos, onde só se registram as entradas e as saídas

“[...] na saída e na entrada fazendo bip bip com os códigos de barra [...] Bip bip, a ser devolvido até 26 de setembro, até logo; bip bip, até 14 de maio, obrigada. Ser bibliotecária não é nada qualificante, eu garanto; uma condição próxima à do operário. Sou uma trabalhadora especializada da cultura, eu. Para ser bibliotecária é necessário amar a idéia de catalogação e ser uma pessoa responsável [...] A livre iniciativa e os imprevistos não são contemplados: em uma biblioteca cada coisa está em ordem, sem falta, em ordem (DIVRY, 2012, p. 10, tradução nossa).

Ela reclama das bibliotecas de província, como esta onde trabalha, onde são frequentes erros de catalogação espantosos, alegando que, teoricamente, em qualquer biblioteca pública deve ser possível encontrar o mesmo livro no mesmo lugar e explica que o inventor do sistema que permite isso é Melville Dewey,

Um garotinho, nascido de uma família pobre dos Estados Unidos que, com só vinte e um anos, inventa o esquema de classificação mais conhecido do mundo. Dewey é um pouco o Mendeleev dos bibliotecários. Não a classificação periódica dos

elementos, mas a classificação dos campos da cultura, Seu golpe de gênio foi dividir em dez grandes temas, ditos “classes”, os ramos do saber: 000 para as obras de caráter geral, 100 para a filosofia, 200 para as religiões, 300 para as ciências sociais, 400 as línguas, 500 a matemática, 600 a tecnologia, 700 as belas artes, 800 a literatura, 900 a história e a geografia... (DIVRY, 2012, p. 11, tradução nossa).

Depois de oferecer um café ao seu silencioso interlocutor, ela prossegue explicando que fora nomeada responsável pela urbanística e a geografia, que não disputa com a história, pois essa última ocupa o maior espaço:

Me deixe dizer que, entre a geografia e a história, ou seja, entre a marcação 910 e 930, existe um verdadeiro abismo. Uma linha simbólica insuperável. Na realidade, a história ocupa todo o espaço a disposição. Há lugar só para ela, na classe 900. Oh, eu não fico brava, ela é muito querida por mim, mas dessa maneira, só me restam as marcações 900 e 910, eis elas aqui. Não é muito, mas veja o que Dewey consegue fazer, mesmo com um número tão limitado de livros. Dá arrepios. Marcação 910: geografia geral. 914: geografia da Europa. Depois dos três primeiros números, se coloca um ponto assim, mais o conceito a ser expressado é sutil, mais o índice fica comprido. Como vai, consegue entender? [...] Veja, 914.4: geografia da França. E por aí vai... 914.436: geografia de Paris. Poderia continuar, não há nada que resista a essa classificação. É infalível. [...] Saber se orientar em uma biblioteca significa dominar o conjunto da cultura, portanto do mundo... (DIVRY, 2012, p. 12, tradução nossa).

Apesar de sua evidente admiração, aliás, paixão pela CDD, a bibliotecária considera que Dewey devia ser um maníaco, daqueles que “não conseguem dormir se suas pantufas não estiverem rigorosamente alinhadas aos pés da cama” (DIVRY, 2012, p. 12, tradução nossa), alegando que, por outro lado, ela mesma é maníaca da ordem.

Fornece mais notícias ainda, como o fato de Dewey ter montado uma empresa de marcenaria para produzir os móveis para as bibliotecas, a Library Bureau Company, até hoje ativa. Não se trata, porém, como poderia parecer, de uma bibliotecária ingênua. Assim como a Judy do filme aparentava ser um estereótipo, mas se revela bem consciente dos limites e responsabilidades da profissão e dos problemas inerentes de desvalorização da profissão feminina, essa bibliotecária anônima aponta os limites do sistema de Dewey:

Quando aquele monomaniaco de Dewey começa a classificar a literatura, eis que surge um monumento ao etnocentrismo: 810, literatura americana, 820, literatura inglesa; duas divisões para os anglófonos. De 830 a 880, literaturas européias: seis divisões para a velha Europa. O que sobra para as centenas de outras línguas do mundo? Uma única divisão, a 890. [...] E por isso modificaram sua classificação. Se considerou que fosse mais correto deixar espaço aos não alinhados [...] (DIVRY, 2012, p. 13, tradução nossa).

É aqui que ela explica que a classe 400 foi esvaziada e seu conteúdo transferido para a classe 800, coisa que, pessoalmente, considera bobagem e que a deixa irritada. Comenta que alguns

colegas passam a vida procurando sutilezas para as referencias, classificando, colocando, desclassificando, retirando da colocação, com a finalidade de manter a ordem, a classificação, a hierarquia e a precisão e que, apesar de tudo, ela gosta do trabalho. Está consciente de que não terá mais nenhuma carreira brilhante e espera a aposentadoria tentando passar despercebida e lendo muito. Aliás, ela diz, ninguém está sozinho quando lê, ela mesma encontra o amor nos livros.

Depois da longa explicação, recheada de comentários pessoais, sobre Dewey e as funcionalidades de seu sistema, a protagonista passa a abordar a questão da arquitetura da biblioteca, sobre a qual também possui fortes opiniões, a ponto de se vingar sobre os usuários que, por acaso, forem arquitetos: não os ajuda e procura atrapalhá-los. Em um primeiro momento, ela apóia a idéia de que os leitores só frequentam a biblioteca para criar desordem. A esse propósito, vale lembrar que em uma das cenas do filme *Baladas em Nova York*, logo depois de ter se apropriado do mecanismo da CDD e de ter ordenado a biblioteca, Mary briga com os usuários, pois eles só estão aí dentro para desordenar os volumes, sem ter qualquer consciência da importância da ordem. Ao que parece, os retratos femininos de bibliotecárias enfatizam essa relação obsessiva, que se torna uma das características marcantes. No caso da nossa bibliotecária anônima, ela resume sua missão:

Impedir aos leitores de corromper a grande organização do meu subterrâneo. Nem sempre consigo. Regularmente acontece que façam alguma bobagem. É inevitável. Tiram a etiqueta com a marcação do livro, roubam, dobram as páginas, atrapalham. Alguns chegam a arrancar as páginas. [...] Sempre se trata de homens. Assim como os maníacos do marcador, sempre homens são somente os homens que justificam assim as intervenções sobre os livros, as correções ou os comentários à margem. [...] De qualquer maneira os homens, os leitores, só trazem desordem, desordem (DIVRY, 2012, p. 15, tradução nossa).

Algumas páginas depois, após falar longamente sobre um rapaz que frequenta a biblioteca, a bibliotecária volta ao tema da biblioteca, que por ser de província não recebe financiamentos. Para se explicar, usa o exemplo de Mazarin, o cardeal que, primeiro, abriu ao público sua biblioteca de mais de quarenta mil volumes, ainda que o tenha feito pelo prestígio que isso dava. Interessante a referencia a Gabriel Naudé e a sua sistemática na organização da biblioteca do cardeal, “Gabriel Naudé individualiza uma dúzia de classes, teologia, filosofia, história, etc... às quais junta uma trintena de subclasses. É o pré-Melvil Dewey.” (DIVRY, 2012, p. 18, tradução nossa)

Quando não fala da sistemática da biblioteca, a protagonista revela uma boa dose de erudição, demonstrando ser uma aguda leitora e crítica. Em relação ao estado das bibliotecas,

ela se refere a uma personalidade esquecida, Eugene Morel, que conduziu uma pesquisa na França e nos Estados Unidos, publicada em 1908 com algumas recomendações, que ela cita e que fazem parte do repertório de idéias da biblioteconomia até hoje: “Suas reivindicações eram claras: empréstimo facilitado, horários de abertura mais amplos, coleções atualizadas, um ambiente confortável, lugares reservados às crianças” (DIVRY, 2012, p. 23, tradução nossa). Muitas delas não atendidas, como sabemos, até hoje.

Uma das partes mais interessantes, na medida em que retoma questões de gênero, atrelando-se às falas de Judy, é a explicação da protagonista sobre a organização do próprio ofício:

No topo, acima de qualquer outro, trancado em seu belo escritório: o diretor. Estudou em instituições prestigiosas, decide as grandes compras, tem vaga reservada no estacionamento, frequenta os escritores. Depois, há as bibliotecárias, as funcionárias públicas de primeiro escalão: todas esnobes e mães de família que conseguiram conciliar tudo na vida e blah blah blah. Aí estão as funcionárias de segundo escalão, as mais atarefadas, ciclistas ou solteiras, como eu. Falo atarefadas porque na biblioteca nove dependentes de dez são mulheres. Excluindo o diretor, no topo da pirâmide, os homens são contratados somente para encargos menores, no armazém, como guardas ou técnicos (DIVRY, 2012, p. 26, tradução nossa).

Interessante o paralelo que ela estabelece entre a hierarquia profissional e a hierarquia que se encontra nas prateleiras. No topo, diz ela, se encontra a “aristocracia, a nobreza de corte” (DIVRY, 2012, p. 26, tradução nossa), a história e a literatura francesa e, no mesmo nível os grandes nomes da filosofia e das religiões. A pequena nobreza é representada pelos autores estrangeiros mais relevantes. Abaixo, a nobreza de toga, os pequenos clérigos, as ciências econômicas e sociais. Eis, finalmente, a burguesia dos periódicos e das revistas, que ela define como sempre prontos a debater sem nunca agir. Abaixo de todos se coloca o proletariado, representado pelas estantes das ciências, geografia, informática, vida prática dicionários e guias de viagem. O raciocínio se conclui com a seguinte pergunta retórica:

Sem essas malditas instruções para o uso de Excel, sem a literatura policial, sem os guias de compilação do Curriculum Vitae, você acha que encheriam a biblioteca? [...] porque a estrutura que domina os cérebros se reflete nas estantes: os *budgets* para a compra de novos livros são limitados, e a aristocracia se serve primeira” (DIVRY, 2012, p.27, tradução nossa).

A nossa bibliotecária continua seu longo discurso, completando seu retrato na exposição de suas idéias sobre a cultura e o papel que nela ocupa a biblioteca, uma visão na qual se coloca como “alguém da velha guarda” (DIVRY, 2012, p. 30, tradução nossa). Para ela, a biblioteca infelizmente não é mais o reino do silêncio, mas um lugar de recreação e de

distração. Explica que para a direção, é importante fazer da midiateca um lugar de lazer e sociabilidade, eliminar o aspecto intimidador da biblioteca, para transformar a cultura em um prazer. Para ela, tudo isso é manipulação, mentira, pois a cultura não é um prazer, mas um esforço permanente para se civilizar.

Apesar do monólogo continuar, o retrato dessa mulher já está dado: sozinha, protetora dos livros, contrária às mudanças, maníaca da ordem, em uma palavra, conservadora. Um retrato bem pouco simpático, mas, ao mesmo tempo, inserido na imagem comum da bibliotecária. Por quanto erudita ela seja, por quanto, em algumas páginas, enalteça o papel da biblioteca como lugar de encontro entre os livros e seus leitores, não passa de uma personagem recalcada e solitária, infeliz e amargurada. O *marketing* da profissão, infelizmente, para as mulheres, se mantém nessa linha.

Diferente é a tradição estabelecida na literatura quando ela representa o relacionamento entre os homens e seus catálogos. Em primeiro lugar, friso a palavra catálogo, pois suas representações literárias não entram no mérito dos sistemas de classificação. O catálogo declinado no masculino não se preocupa com Dewey, mas com a amplitude e a completude. Os homens dentro de suas bibliotecas são eruditos. É o caso de Kien e de sua biblioteca, protagonistas de *Auto-da-fé* de Canetti (2001). A biblioteca, é aqui, um universo fechado de 25.000 volumes distribuídos em quatro cômodos, onde ninguém pode entrar. Para Kien, os livros contam mais que os homens, falam sem emitir sons. O protagonista se nega ao mundo para se dedicar completamente aos seus estudos e ao culto da biblioteca. Dotado de memória extraordinária, poderia se substituir à própria materialidade dos livros, mas é essa última que ancora os saberes de Kien:

Ele possuía, por assim dizer, na cabeça uma segunda biblioteca, vasta e confiável tanto quanto aquela real, a qual, ao que se dizia, todos tinham em grande conta. Sentado em seu escritório, redigia inteiros ensaios, adentrando nos mais miúdos detalhes, sem nunca consultar outra biblioteca a não ser a que tinha na cabeça (CANETTI, 2001, p. 25, tradução nossa).

A biblioteca de Kien, porém, exclui taxativamente o feminino:

As mulheres são insuportáveis e tolas analfabetas, uma eterna fonte de incômodo. Como seria rico o mundo sem elas, um laboratório imenso, uma biblioteca cheia de livros, um paraíso de trabalho intenso e ininterrupto (CANETTI, 2001, p. 442, tradução nossa).

A introdução do feminino na biblioteca, primeiro com a moça da limpeza, depois com a esposa, implica a expulsão progressiva de Kien desse ambiente, que no final será destinada

a queimar. A memória quase prodigiosa é um elemento recorrente entre as representações masculinas. Basta pensar em Mendel, protagonista de um conto de Stephen Zweig (ZWEIG, 2011). Jakob Mendel se ocupa de revender coisas de pouco valor ou, melhor, aparentemente de pouco valor. Na realidade esta estranha personagem é especializada em um campo particular: os livros, de todos os gêneros, de qualquer autor, principalmente os livros raros e difíceis de se encontrar. Provavelmente não leu cada volume, mas conhece a existência de todos e sabe onde encontrá-los. Senta no Cafè Gluck, em Viena, na época imediatamente anterior à Primeira Guerra, sem ocupar-se de política, nem de relações internacionais ou de quem senta no café. Está sempre ocupado em alguma leitura de livros ou catálogos e levanta a cabeça somente se alguém lhe pede para encontrar alguma obra. O mundo externo, porém, com a ruptura provocada pela guerra, levará sua vida à desordem, subtraindo-lhe sua atividade, que é seu único amor. No livro é dada uma relevância particular à mente do protagonista, pela capacidade incrível de armazenar qualquer informação relativa a ensaios, romances, tratados, enfim, qualquer coisa que possua um formato impresso. Mendel fascina, em sua aparência miserável, por ser um homem-catálogo, a ponto de ser convidado, várias vezes, a integrar a função de bibliotecário, convites que, regularmente, Mendel ignora. Seu mundo são os livros e seus catálogos, não suas instituições, que o narrador de Zweig já delineia claramente como hostis, na explicação de seu encontro com Mendel depois de procurar materiais para sua pesquisa na biblioteca de Viena,

com escasso sucesso, pois as obras sobre o assunto se revelavam insuficientes, e o bibliotecário ao qual eu [...] pedira informações respondeu com descortesia, resmungando que as fontes bibliográficas eram problema meu e não dele (ZWEIG, 2011, p. 09, tradução nossa).

Particular interessante, é novamente representada a figura feminina na mulher da limpeza, que sempre tratara Mendel com gentileza. É ela que relata ao narrador sobre o destino de Mendel e é ela a única “herdeira” de algo do velho. Se trata de um livro que ela, naturalmente, não sabe ler, o segundo volume da *Biblioteca Germanorum erótica et curiosa*: “Exatamente esse título escabroso [...] acabara, como último legado daquele mago desaparecido, naquelas mãos inconscientes, sem força, avermelhadas, que unicamente seguraram o livro de orações” (ZWEIG, 2011, p. 31, tradução nossa). O catálogo “vivo” é um homem, à mulher cabe uma herança à qual não sabe atribuir qualquer valor, pois não pertence ao seu dia-a-dia.

## 5 Considerações finais

As mulheres, grandes leitoras a partir do século XVIII, com o estabelecimento do novo gênero literário do romance são, até hoje, representadas como perigosas, como “fracas” perante as sugestões da ficção. A relação que se estabelece entre elas, as bibliotecas e a leitura, já claramente delineada no Dom Quixote, se estende até os nossos dias, como pode ser observado em Canetti, em Zweig e em Harry Potter... A protagonista dos romances de Jasper Fforde pareceu, por sua contemporaneidade e por se tratar de uma série de sucesso, particularmente reveladora da tradição normativa até hoje existente, como tentei mostrar no trecho em que a biblioteca e seu bibliotecário ainda refletem o perigo que as mulheres representam, se não forem colocadas regras e normas de acesso em suas leituras.

De um ponto de vista das narrativas sobre as mulheres profissionais da informação, privilegamos dois produtos, *Baladas em Nova York* e *La custode dei libri*, por apresentarem figuras femininas de bibliotecárias, reveladoras de ambiguidades: de um lado, se trata de personagens conscientes dos limites apresentados pelo seu pertencimento ao gênero feminino, em termos de reconhecimento profissional. Por outro, se caracterizam por uma certa “obsessão” pelo sistema de classificação decimal (CDD). Sabemos que, na CI, o uso da CDD é ligado ao ambiente da biblioteca como espaço físico e que sua função é de localização dos materiais. Por contraste, a catalogação é a operação que descreve os materiais e que envolve operações mais complexas de pesquisa e de detalhamento, conferindo à operação de catalogação um papel intelectual. Nesse sentido, a literatura configura claramente uma diferença de gênero, retratando as mulheres em seus papéis de classificadoras e atribuindo às representações masculinas o espaço da catalogação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALADAS em Nova York. Direção: Daisy Von Scherler Mayer. [S.l]: Casablanca Films, 1995. (94 min.)

CANETTI, E. **Auto da fé**. Milano: Adelphi, 2001.

CERVANTES, M. **Don Chisciotte della Mancia**. Milano: Frassinelli, 1997.

CHARTIER, R. **Inscrever & apagar: cultura escrita e literatura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

CHIARI, P. **La francese in Italia, o sia Memorie critiche di Madama N.N., scritte da lei medesima e pubblicate dall'abate P. Chiari.** Milano: Garzanti, 1973.

DIVRY, S. **La custode dei libri.** Torino: Einaudi, 2012.

EGGERT, G. A percepção social do profissional bibliotecário: uma pesquisa exploratória. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 33-43, 1996. Disponível em: <  
<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/309/349>>. Acesso em 13 jul. 2012.

FFORDE, J. **Il caso Jane Eyre.** Milano: Marcos y Marcos, 2001.

FFORDE, J. **Persi in un buon libro.** Milano: Marcos y Marcos, 2007.

HARRY POTTER e a câmara secreta. Direção: Chris Columbus. [S.l]: Warner Bros., 2002. (161 min.)

LENNOX, C. **Avventure di Arabella, Donna Chisciotte.** Ferrara: Luciana Tufani Editore, 1998.

ROUSSEAU, J.J. **Giulia, o la novella Eloisa, lettere di due amanti di una cittadina ai piedi delle Alpi.** Rizzoli: Milano, 1964. v. 1.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a câmara secreta.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

WITTMAN, R. Una "rivoluzione della lettura" alla fine del XVIII secolo? In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. **Storia della lettura nel mondo occidentale.** Bari: Laterza, 1995, p. 331-346.

ZWEIG, S. **Mendel dei libri.** Milano: Adelphi, 2011.